



# *Desenho da Fé*

*O escultor carioca Nelson Felix trouxe dentro de si os traços de uma experiência única e de linguagem poética captada ao longo de mais de quatro décadas imerso no circuito das artes*

*Texto NAI FROSSARD*

Nelson Felix vive há 40 anos de forma monástica em Nova Friburgo, cidade serrana do Rio de Janeiro, onde tem o ateliê montado e trabalha com blocos imensos de mármore. Nas raras vezes em que interrompe a rotina de tranquilidade em seu oásis privativo, cravado em meio à Mata Atlântica, onde divide o cotidiano com os dois cães – Prima e Lampião, o artista, que deu os passos iniciais na carreira em 1971, sob a tutela de Ivan Serpa, faz parada na Galeria Millan, que o representa em São Paulo, ou em Carrara, na Itália, destino onde garimpa a principal matéria-prima usada em suas esculturas.

Concentrado na mostra que realizará em 2024, com a curadoria

de Fernanda Pitta, no Museu de Arte Contemporânea (MAC-SP) – e a pouca vontade de abandonar o status de recluso –, por pouco não o fizeram recusar o encontro com o papa Francisco. Entretanto, sensível aos mistérios que permeiam a tomada das decisões, ele resolveu fazer a viagem e participar da audiência, que acontece desde 1964, diante dos afrescos de Michelangelo, no Vaticano. “Confesso que recebi o convite, mas não o aceitei imediatamente. Foi apenas ao ler a mensagem de uma amiga, que nada sabia sobre a proposta, com um texto do papa falando sobre arte, que percebi um sinal para topar.”

É verdade que o papa Francisco acredita que a arte e a fé cami-

L'ARTE



L'ARTE

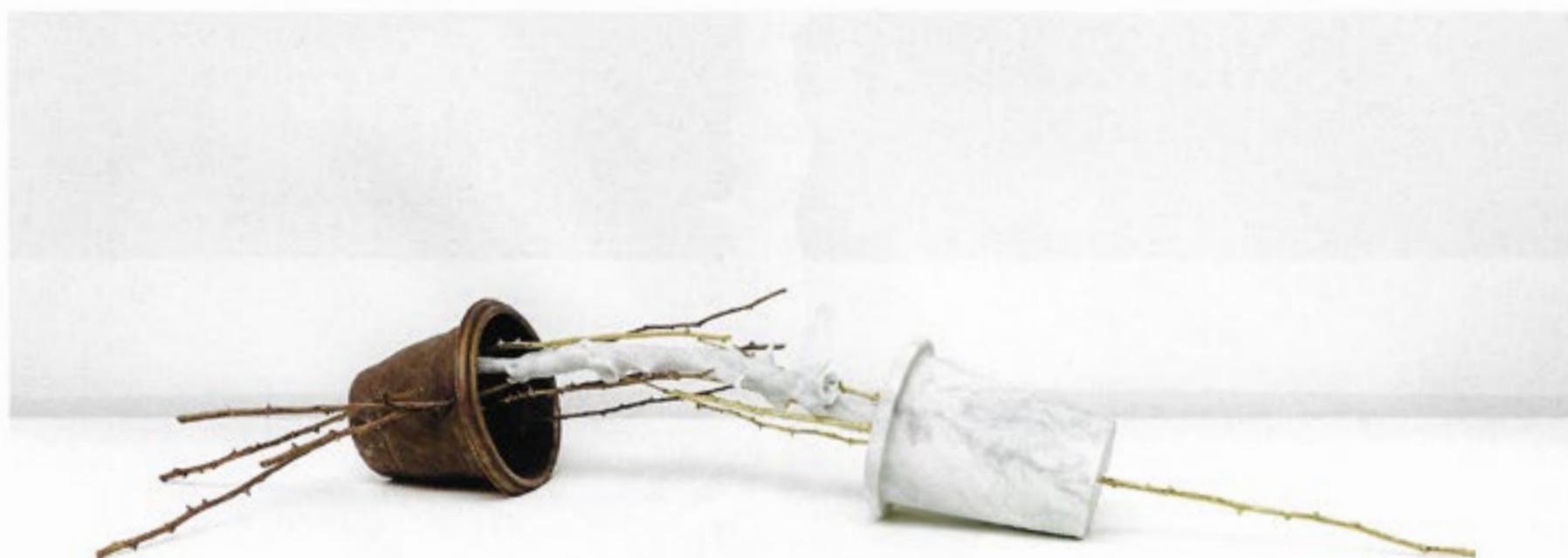
nham juntas, porque ambas geram movimentos. “Nem a arte nem a fé podem deixar as coisas como estão – elas mudam, transformam, movem e convertem”, discursou o pontífice na capela Sistina, para cerca de 200 artistas, entre os quais estavam Ana Maria Machado, Jonathas de Andrade e Vik Muniz. “Tudo por ali é simbólico. Mais que a qualidade estética, havia uma sensação difícil de ser definida no ar. O papa é carismático, fala de forma clara, sem ornamentos, mas sempre com doçura. Ele emite uma vibração incrível e existe uma comunhão naquilo que diz e o tom da sua voz”, justifica Felix.

De volta à região serrana fluminense – com a alma leve e a mente cheia de novas ideias –, o artista contou sobre a recente exposição, que aconteceu em agosto deste ano, na SP-Arte Rotas Brasileiras. “Este trabalho foi uma homenagem a [Constantin] Brancusi, grande escultor romeno, que admiro imensamente. Fiz cinco esculturas que revelam um pedestal invadido por alguma coisa. É um pedestal clássico, feito de mármore, onde um banco de bronze é enfiado nesse bloco e distorce a base. Um dos pés do banco dentro do pedestal tem a forma de caule de rosas.” Por sinal, a sua produção desdobra-se em materiais não convencionais, a exemplo dos vegetais, como cactos e mimosas pudicas (as famosas dormideiras).

Esse pioneirismo somado à aversão pela monotonia está narrado em seu sétimo livro – “Nelson Felix: Berceuse” (2020), que compila 33 anos de trajetória. “A arte é como o mundo espiritual, onde existe um constante atrito, em que você está permanentemente vencendo de si mesmo e se lapidando. Isso para mim é o ato de retirar pedaços.” NELSONFELIX.COM.BR



NA PÁGINA DE ABERTURA, obra que integra a coletânea “Grafite e Carta de amor” e retrato do artista. NESTA PÁGINA, acima, “Sem Título – Desenho 12” e, ABAIXO, “Hermes II”. NA PÁGINA AO LADO, a partir do alto, detalhe da escultura “Hermes II”, Nelson em encontro com o papa Francisco, parte da obra “Carta de amor” e espaço da Galeria Milan na SP-Arte de 2022, com a mostra “Ensaio para desconforto”



“ACHO *que*  
QUEM ESTÁ  
ENVOLVIDO  
COM *a* ARTE,  
*de* ALGUMA  
FORMA,  
TEM ALGO  
*de* PROFETA,  
*de* VER *as*  
COISAS  
ANTES,  
PREVER *e*  
SENTIR *o*  
QUE VAI  
ACONTECER”

